

lítica

Sarney isola-se na ilha protegido pela Marinha

ENVIADO ESPECIAL
E AGÊNCIA ESTADO

Nada de política, apenas descanso e pescaria na tranqüila ilha de Curupu. Assim foi o dia de ontem do presidente José Sarney, que evitou receber políticos ou conversar por telefone com qualquer autoridade do governo, preferindo a companhia dos colonos locais. Mas, para garantir o retiro do presidente, trabalhou-se bastante. Lanchas da Marinha patrulhavam a ilha impedindo que os barcos, mesmo os pesqueiros, se aproximassem do limite de 600 metros. O espaço aéreo também foi preservado, sendo proibido qualquer sobrevôo.

Da base de operações da segurança, montada no apartamento 222 do Hotel Quatro Rodas, situado a 400 metros da residência de Sarney na praia do Calhau, em São Luís, o contato com a ilha era permanente, tanto por rádio como por um telefone com linha direta para o Curupu. Com o presidente na ilha, não houve movimentação na sua residência particular. Todo o esquema de segurança que protege o lugar quando Sarney lá se encontra foi desativado.

Hoje o presidente almoçará na ilha com o governador Epitácio Cafeteira, convidado pelo próprio Sarney. Com eles estarão dona Marly e José Sarney Neto, filho mais velho do deputado federal Sarney Filho. A tar-

de, o casal retornará a São Luís, onde vai participar da ceia de Natal com a família. Como ocorre tradicionalmente, o presidente é quem abrirá o encontro com a leitura de um trecho da Bíblia. Em seguida, ladeado por sua mãe, dona Kiola, e por dona Marly, fará suas orações, acompanhado pelos irmãos, filhos, netos e demais parentes.

Dia 7, visita de 5 horas a Ibiúna

O presidente José Sarney estará em São Paulo dia 7 de janeiro, durante cinco horas, para participar na cidade de Ibiúna da cerimônia de inauguração do sistema de transmissão em corrente contínua Itaipu-Ibiúna, segundo informou-se em Brasília. Na solenidade estão previstos discursos do presidente de Furnas, Camilo Penna, do ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, e do presidente da República.

Sarney não participará de nenhuma outra programação em São Paulo. Às 13h45 já estará de volta ao Aeroporto de Congonhas para retornar a Brasília. Sua chegada a São Paulo está prevista para as 9 horas e às 10h30 já deverá estar em Ibiúna participando da solenidade.

Após o ato religioso será servida a ceia, baseada em pratos regionais: galinha ao molho pardo, peixe-pedra recheado, arroz de cuchã e vatapá. Como sobremesa serão servidos dois tipos de doces, o bacuri e o capuaçu, além de sorvete de coco (o preferido de dona Marly) e pudim de leite (o mais apreciado por Sarney).

Amanhã cedo o casal voltará à ilha de Curupu, onde permanecerá até o dia 31. A comemoração de ano novo será passada novamente com toda a família em São Luís. O acesso à ilha continua sendo controlado e somente pessoas da intimidade do presidente têm permissão para entrar no local.

ERRAR SOZINHO

O governador Epitácio Cafeteira disse ontem que o presidente Sarney "cansou de errar pelos outros e agora quer correr o risco de errar sozinho", numa referência à escolha do novo ministro da Fazenda. Cafeteira revelou que não tratou de problemas políticos no encontro que teve com o presidente, depois de sua chegada a São Luís. Mas reafirmou que está irredutível na defesa do mandato de cinco anos para Sarney. Frisou ainda que "da bancada maranhense, quem votar pelos quatro anos estará em oposição ao meu governo". Segundo o governador, o mandato do presidente Sarney deveria ser de seis anos, "mas como ele abriu mão de um, deve ser de cinco".

Um presidente "retemperado"

CARLOS CHAGAS

Não será um novo Sarney a desembarcar em Brasília na noite de 4 de janeiro, segunda-feira, mas, conforme o ministro Ronaldo Costa Couto, chefe do Gabinete Civil, será um Sarney retemperado e disposto a dedicar o período final de seu governo à recomposição da política econômico-financeira, de modo a superar as dificuldades crescentes da quadra. Ontem, antes de viajar para Belo Horizonte, onde passa as festas de Natal, Costa Couto falou com o presidente pelo rádio. Não lhe cabe, como um dos principais assessores, ficar transmitindo sensações, emoções e sentimentos, mas não se conteve ao comentar que Sarney parece melhor do que nunca.

A explicação é simples, ainda que o chefe do Gabinete Civil não a faça de público: o presidente tinha dois pesos, ou dois entraves, que vinham tolhendo seus movimentos. O primeiro era a questão de seu mandato, ligada ao seu relacionamento como PMDB. A outra, a política econômico-financeira gerida pelo ministro Bresser Pereira, ironicamente também interligada como o PMDB.

O mandato foi fixado em quatro anos, pela Comissão de Sistematização da Assembléia Nacional Constituinte, tendo Sarney decidido que, a partir dali, não mexeria mais uma palha no assunto. Se o plenário restabelecer os cinco anos, será por sua decisão exclusiva, cabendo-lhe apenas cumprir o texto da nova Carta. Com isso, sentiu-se desligado de compromissos maiores com o PMDB e livre para levar seu governo muito mais pela órbita administrativa do que pelos meandros políticos.

Mas sobrava um obstáculo, e dos grandes. Era a política econômico-financeira, que não atava nem desatava. Planos, programas, estratégias, novas propostas e teses de toda espécie confundiam-se para determinar o imobilismo e a falta de resultados. Sarney entendia as dificuldades de Bresser Pereira e o prestigiava, ainda que sentindo o governo girar em círculos. O episódio do pacote proposto pelo já agora ex-ministro serviu para romper o impasse. O presidente não aceitou certas propostas que lhe foram levadas, Bresser não abriu mão delas e o resultado, mais do que natural, foi sua exoneração. Com isso, caiu por terra, também, a proposta econômica do PMDB, que era a do ex-ministro.

O presidente está livre, assim, para buscar novos rumos, segundo Costa Couto. Deixando as questões políticas de um lado, e, de outro, adotando posições e princípios econômicos mais amplos e mais abertos, sem os condicionamentos doutrinários ou ideológicos do partido que deveria sustentá-lo mas não o fez.

Um roteiro de ação econômica está sendo preparado por assessores, economistas e empresários, para ser examinado por Sarney assim que chegar a Brasília. Com base nele será escolhido o novo ministro da Fazenda, podendo continuar Mailson da Nóbrega, interino, ou ser convidado um empresário ou um técnico. Jamais um político, muito menos indicado pelo PMDB. A novidade está em que a equação, de agora em diante, apresentará-se invertida. Será o novo ministro a aceitar o plano, não a formulá-lo como uma criação independente ou como um coelho tirado da cartola.

Apesar do otimismo do ministro Arnaldo Costa Couto diante das perspectivas do ano a começar, em termos de governo e de administração pública, está o País naquela condição de São Tomé. Será preciso ver primeiro, para crer depois. Isso, na parte da nova política econômica, porque no relacionamento com o PMDB, fica pior. Ulysses Guimarães também chegará em Brasília dia 4, vindo de Nova York. Deixou claro, ante de viajar, que seu partido não pretendia mais participar das decisões, no setor. Não indicaria nomes para o ministério, mesmo se chamado a indicar. Não vai romper formalmente com Sarney, muito menos expedir notas oficiais ou convocar o diretório nacional ou uma convenção extraordinária. No caso, o relacionamento se enfraquecerá à maneira daqueles casamentos que terminam sem um ato específico ou uma crise explosiva, mas, apenas, pelo desgaste e falta de diálogo.

O parlamentar paulista saberá conter tanto os extremados de esquerda, que exigem uma declaração de guerra ao Palácio do Planalto, quanto alguns segmentos do Centro, empenhados no apoio a qualquer custo. Pela vontade de Ulysses, tudo fica como está, ou melhor, os ministros do PMDB ficam onde estão, ainda que a legenda adote cada dia mais seus rumos próprios, na Assembléia Nacional Constituinte e na política em geral. Como se trata de um equilíbrio instável, ninguém garante nada. Da mesma forma como não se garante que essa nova disposição do presidente Sarney, no plano econômico, dure muito. Ela já foi tentada outras vezes...